

Opinião

A chegada das “startups” brasileiras à Europa

Martina Barreto *



O aumento da digitalização acelerada pela COVID-19 refletiu-se na ampliação da procura por serviços e produtos oferecidos por startups. O Brasil, neste ponto, tem sido reconhecido pelo seu ecossistema de inovação. Muitos investimentos estão a ser realizados e, por consequência, cada vez mais “unicórnios” têm surgido no país, fechando o ano de 2021 com dez novas startups que valem mais de um bilhão de dólares.

Uma tendência que se vem a notar é que, nos últimos anos, Portugal tem atuado como um importante polo de atração para “startups” brasileiras que pretendem entrar no mercado europeu. Deve-se muito pela similaridade da língua, custos mais baixos para instalação, benefícios fiscais/legais que o país oferece, e também de se estar a tomar um “hub” de empresas tecnológicas. Isto facilita o acesso a novas tecnologias, recursos humanos, “networking” e desenvolvimento de



novos produtos/serviços. Aliado aos fatores anteriormente mencionados, o câmbio favorável à exportação de produtos e serviços brasileiros demonstram ainda mais o momento oportuno de chegada das “startups” brasileiras na Europa.

Quanto aos investimentos, esses mais que duplicaram de 2020 para 2021, alcançando 53 bilhões de dólares, sendo o Estado de São Paulo o principal foco destes recursos. Contudo, nem sempre as startups estão preparadas para o crescimento que tais investimentos exigem. O que se tem notado é que as “startups” são levadas a

internacionalizar devido a oportunidades que surgem, mas sem a adequada preparação, o que pode levar a um insucesso desnecessário.

Por este motivo, agências de inovação brasileiras têm procurado desenvolver projetos de capacitação de “startups” com suporte técnico. As capacitações e mentorias, especialmente com consultorias europeias especializadas, consolidam o conhecimento que a equipa já tem, além de fornecer uma perspetiva do mercado internacional que desejam.

Além da ajuda preparatória para enfrentar um

novo mercado com cultura e oportunidades distintas, algumas consultorias continuam a apoiar as startups após o primeiro contato com os atores destes mercados. Esta fase é muito importante, pois é nela que se verifica o que de facto funcionou e o que pode ser adaptado para assegurar a plena realização do Plano de Internacionalização de cada empresa. ◀

Este artigo foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

* International Business Consultant – Brasil – Market Access

Prudência - 1

Henrique Diz *



Se eu tivesse que escolher uma palavra para a política e a atividade económica no ano que agora se iniciou, ela seria “prudência”. Porque avizinham-se tempos incertos, as nuvens acumulam-se no horizonte e não temos garantia de que não haja uma borrasca séria, apesar das palavras, agora menos assertivas, de responsáveis europeus e do silêncio da generalidade dos políticos portugueses.

É melhor explicar o que me leva a optar pela precaução. E, para isso, nada melhor do que socorrer-nos de alguns números. A taxa de inflação anual na zona euro atingiu o valor de 4,9% em novembro, a mais alta desde o início da série em 1997. Na União Europeia foi de 5,2%. A previsão do Banco Central Europeu para o ano de 2022 é, agora, de 3,2%, um número que alguns analistas consideram “otimista”, face à evolução dos fatores que estão na base do aumento dos preços. Entretanto, a taxa de inflação nos Estados Unidos da América atingiu os 7% em 2021, o valor mais alto desde 1982.

Em Portugal, apesar de o problema não ser, por enquanto, tão grave, e eu devo sublinhar o “por enquanto”, a 20 de Dezembro do ano transato, o Instituto Nacional de Estatística divulgou infor-

mo que o índice de preços na produção industrial tinha subido 18,7%, em termos homólogos, em Novembro. Por sua vez, Luís Guindos, Vice-Presidente do BCE, veio corrigir a posição anterior daquela instituição, reconhecendo que a inflação seria mais persistente do que previsto, isto é, que continuaríamos a ter uma alta de preços muito para lá da Primavera, prazo muitas vezes apontada no início do processo, por claro erro de análise das suas causas.

Vamos, então, passar em revista algumas delas. Começamos, hoje, pela energia, cujo preço subiu, em alguns casos, para valores nunca pensados. E recuemos um pouco. As políticas públicas têm geralmente efeitos de médio e longo prazo. Na maior parte dos casos não nos apercebemos do seu real impacto de forma imediata. Devem, até por isso, ser bem ponderadas, pelo que não será correto que sejam motivadas por pressões imediatistas baseadas nos interesses eleitorais e partidários de curto horizonte temporal. Infelizmente, não parece ter sido isso o que aconteceu na generalidade dos países europeus.

Começando pela Alemanha, a potência industrial europeia por excelência e grande consumidora de energia. A pressão da opinião pública e a forte influência dos Verdes na política alemã conduziu a decisões apressadas sobre a utilização do carvão, fortemente poluidor, é certo, e das centrais nucleares na produção de eletricidade. E, se é verdade que os germânicos têm feito uma aposta forte nas energias renováveis, a verdade é que estas, pela sua própria natureza, e pelo estágio de desenvolvimento tecnológico em que se encontram, não são suficientes para assegurar o forne-

cimento necessário à atividade económica e aos cidadãos. Cito a Alemanha, mas o mesmo se passou na generalidade dos países europeus. Criou-se, assim, uma ainda maior dependência face ao gás, menos poluidor, de facto, que se iniciara há décadas com os acordos de compra assinados com a Rússia, que havia mesmo conduzido a projetos de novos gasodutos, como o Nord Stream 2. As decisões tomadas na Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas, COP26, em Glasgow, durante o mês de Novembro, deram mais um sinal claro da transição energética em curso, o que não deixaria de ter efeitos nas negociações de produtos petrolíferos, gás e carvão.

Os grandes fornecedores encontram-se com a perspetiva de desvalorização das suas reservas a longo prazo, se se cumprirem os objetivos fixados e se diminuir a utilização destas fontes de energia, e reagem da forma que lhes parece mais favorável. Com o aumento da procura energética trazido pela retoma da atividade económica e a ausência de alternativas credíveis no curto prazo para as satisfazer, por se ter iniciado demasiado tarde o novo caminho, aconteceu o inevitável: os preços subiram.

Mais, como se determinaram encerramentos de centrais a carvão, o gás tornou-se elemento determinante na produção de eletricidade, o mesmo sucedendo na transição para a economia de hidrogénio. E a subida dos preços aí está a confirmar a dependência em que nos colocámos. Tão grande, e com efeitos tão dramáticos, que se começou a falar na “promoção” da energia nuclear a “energia verde”, num movimento patrocinado pela França, detentora de elevada capacidade tecnológica na área, e que se difunde pela



Esta fase é muito importante, pois é nela que se verifica o que de facto funcionou e o que pode ser adaptado para assegurar a plena realização do Plano de Internacionalização de cada empresa

Europa comunitária.

Quem diria! Sabendo-se que o consumo energético sobe nos meses de Inverno, o Banco Central Europeu parece ter pensado que a subida de preço dos combustíveis abrandaria quando chegasse a Primavera e que tal seria suficiente para conter a inflação. Talvez tenha sido essa a razão pela qual se falou em horizontes temporais curtos, controlo da situação e decidiu manter praticamente inalterada a política monetária.

Ao que tudo indica, de forma aparentemente errada. Continuaremos a falar do assunto no próximo artigo. ◀

Este artigo foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

* Professor Catedrático de Economia e Gestão



A taxa de inflação anual na Zona Euro atingiu o valor de 4,9% em novembro, a mais alta desde o início da série em 1997. Na União Europeia foi de 5,2%. A previsão do Banco Central Europeu para o ano de 2022 é, agora, de 3,2%